

Sociólogo de Coimbra retrata dramas por detrás dos números



A ESTACO, que chegou a empregar mais mil pessoas, encerrou em 2001

OS DRAMAS de quem perdeu o trabalho que acreditava ser "para a vida" e caiu nas incertezas do desemprego são analisados num livro do sociólogo Pedro Araújo, centrado nas experiências dos desempregados da antiga cerâmica Estaco, em Coimbra.

Intitulado "A Tirania do Presente. Do trabalho para a vida às incertezas do desemprego", o estudo, a lançar em breve, visa "a compreensão das vivências do desemprego e das lógicas de acção desenvolvidas pelos indivíduos para lidar com a privação de emprego".

"O objectivo foi ver a vida por detrás dos números. Estamos habituados a lidar com as estatísticas do desemprego, mas esses números não dizem nada sobre a completa instabilidade e incerteza com que as pessoas [desempregadas] vivem", sublinhou hoje, em declarações à agência Lusa, o investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

Perante o "'boom' de empresas a fechar em Portugal, como é o caso recente da Delphi, o estudo dá um retrato do que acontece às pessoas depois do encerramento da fábrica", adiantou Pedro Araújo.

A obra do sociólogo, a lançar pela editora Quarteto, centrou-se em pessoas que, quatro anos volvidos sobre a falência da Estaco, ocorrida em 2001, permaneciam ainda em situação de desemprego. Grande parte destes homens e mulheres entraram para a Estaco ainda muito jovens e encaravam a fábrica como "um emprego para a vida" e uma "segunda casa".

"O tempo de serviço médio das pessoas com quem falei situa-se entre os 20 e os 35 anos. Quando se fala de "trabalho para a vida" é, pois, necessário ter em conta que era com serenidade que as pessoas encaravam esse facto. Ao fim de tantos anos estavam, como diziam, "feitas ao serviço" e isso, ao con-

trário do que agora nos querem convencer, nada tem de negativo", sublinha Pedro Araújo.

Falta de alternativas

A idade e a especialização desta mão-de-obra na indústria cerâmica foram alguns dos obstáculos à sua reintegração no mercado de trabalho. Após a falência da fábrica, em Outubro de 2001, viram-se dependentes de um Estado que encaram como "subprotector" – explicou ontem Pedro Araújo à agência Lusa. "As pessoas ficam completamente desprovidas de meios para sobreviver e completamente dependentes do Estado, situação inédita para elas, pois estavam habituadas a viver do seu trabalho", acentuou. Na sua perspectiva, esta "dependência relativa do Estado tem de ser relativizada: acontece porque não há alternativas, o mercado de trabalho responde muito mal a pessoas com mais de 45 anos".

"Há uma geografia de possibilidades nula. A única hipótese era sair daqui [de Coimbra]", adiantou Pedro Araújo, observando que a solução de criar o próprio emprego, com o necessário espírito empreendedor que implica, não se adapta a qualquer pessoa. Os sentimentos de segurança, conforto e realização incutidos por se trabalhar na Estaco "estão perdidos definitivamente" com o desemprego.

A Estaco, empresa que laborou durante mais de 70 anos na Pedrulha, chegou a empregar mais de um milhão de pessoas, algumas pertencentes à mesma família.

Na altura do fecho empregava cerca de 230 pessoas, a maioria das quais se reformou.